

## **Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 20**

### **Jonas**

#### 4. Jonas

##### A. Nome e escritor de Jonas

Vejam os numerais romanos IV e A., “nome e escritor de Jonas”. O livro deriva seu nome de Jonas, filho de Amitai. Se você olhar para Jonas 1:1, você lê lá: “A palavra do Senhor veio a Jonas, filho de Amitai.” Em 2 Reis 14:25, diz-se que um profeta de mesmo nome veio de Gath Hepher, um lugar ao norte de Nazaré, no Reino do Norte. Quero examinar esse texto 2 Reis 14:25 porque é significativo em outra conexão. Aqui você lê sobre Jeroboão II: “Ele foi quem restaurou os limites de Israel desde Lebo Hamate até o mar da Arabá, de acordo com a palavra do Senhor de Israel, falada por meio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta de Gate Hefer. Assim, Jeroboão II estendeu as fronteiras de Israel para o norte e para baixo até o Mar de Arabá, o Mar Morto, de acordo com uma profecia de Jonas. Parece bastante claro que Jonas, filho de Amitai, durante o tempo de Jeroboão II, é o mesmo autor do livro de Jonas. Assim, em 2 Reis 14:25, diz-se que o profeta de mesmo nome veio de Gath Hepher. De acordo com esta referência, ele deve ter vindo durante ou antes da época de Jeroboão II. Se foi na época de Jeroboão, ele foi contemporâneo de Amós e Oséias. Ele profetizou que Jeroboão recuperaria as antigas fronteiras de Hamate, no norte, até o mar de Arabá, no sul. Fora isso, não sabemos nada sobre Jonas além do que é contado no livro.

Agora chegamos à história de sua missão de ir a Nínive e sua falta de desejo de fazer isso, o peixe o engolindo e, eventualmente, indo para Nínive. O autor do livro não é especificado, mas não há razões convincentes para supor que Jonas não seja o autor. Deve-se acrescentar, no entanto, se o livro foi escrito por alguém que não seja Jonas, isso de forma alguma afeta sua autenticidade, uma vez que o escritor não é especificado.

##### B. A Natureza do Livro: Histórica ou Não-Histórica -- Levantamento de Abordagens

B. \_ é uma discussão de como entender este livro, “A natureza do livro: histórico ou

não-histórico”. Isso se torna um assunto muito discutido. Então vamos dar uma olhada nisso. O livro se distingue muito dos outros profetas menores. Seu conteúdo não é apenas um registro das profecias de Jonas, mas é uma narrativa na qual o profeta é uma figura central. A esse respeito, tem mais semelhança com as narrativas relacionadas a Elias e Eliseu; isso é como uma narrativa de Reis. Há uma grande diversidade de pontos de vista a respeito do caráter da narrativa. O seu valor religioso é reconhecido por quase todos, enquanto o seu valor histórico é muitas vezes considerado deficiente. Uma vez que este livro é um dos primeiros a ser citado por aqueles que escolheram questionar a confiabilidade histórica da Bíblia, devemos considerá-lo com algum detalhe.

Dizem que o autor tinha um propósito didático em mente quando escreveu esta história, que ele a contou para ensinar certas coisas. A partir dessa premissa conclui-se então que o objetivo dessa história não é dar informações históricas, mas sim ensinar certas lições e que o autor usa a forma da história para cumprir esse propósito didático. Geralmente não se reconhece que poderia haver algo como história didática tão bem quanto ficção didática.

Veja TD Alexander “Jonas and Genre,” está em sua bibliografia, página 17. Se você estiver interessado neste tópico, podemos dar uma olhada neste artigo. É um bom artigo. Mas nele, Alexander diz ao pesquisar as maneiras pelas quais Jonas foi classificado e que rótulo foi anexado a ele. Ele diz que mesmo a pesquisa parcial revela uma grande variedade de propostas, e anota cada um desses rótulos. Alguns dizem que é história, alguns alegoria, algum midrash, alguns uma parábola, alguma parábola profética, alguma lenda, alguma lenda profética, algum romance, alguma ficção didática, algum satírico, algum conto, e a lista continua. Em outras palavras, se você olhar para as pessoas que trabalham com este livro e tentar fazer uma classificação de gênero, terá essa longa lista de possibilidades.

O próprio Alexandre a classifica como história didática, ou história que tem por objetivo ensinar algo. Entre o grupo não-histórico há diferenças de pontos de vista sobre sua natureza. As mais comuns são ficção, lenda, alegoria e parábola. Ver Alexander, páginas 36 e 37.

## Abordagens não-históricas

### 1. Jonas como ficção, lenda, alegoria e parábola

Então vamos ver cada um deles. Um, ficção. Alguns acham que o autor pretendia que a história fosse uma ficção em prosa. Dois, lenda. Outros acham que o autor fez uso de uma lenda profética que circulava entre o povo de Israel. Essa visão aceita que pode haver um núcleo histórico real por trás dessa história. Talvez alguém chamado Jonas realmente tenha ido a Nínive. Talvez uma mensagem real ou mesmo uma mensagem de conotação religiosa, mas esse núcleo original de fatos históricos é cercado por todos os tipos de expansões e acréscimos lendários que foram adicionados, como a história do peixe. Eu poderia dizer essas três coisas: o peixe, a cabaça e a conversão dos ninivitas costumam causar mais problemas às pessoas, pois são as coisas que mais questionam sua historicidade. Em algumas expressões, particularmente com a história do peixe, alguns encontram um ponto de concordância com não-israelitas como lendas de libertação de monstros marinhos. Diz-se que o autor usou esse motivo lendário para seus próprios propósitos, incluindo o ensino de coisas como a misericórdia de Deus para com os pagãos e a rebelião e o pecado de Jonas se recusando a fazer a vontade de Deus. Que coisas desse tipo são ensinadas não é negado por aqueles que veem a história como verdadeiramente histórica. A questão é: com base em que podemos dizer que não é histórico? Quais são as implicações de tal visão?

A terceira abordagem entre aqueles que negam os eventos históricos do livro é uma visão alegórica. A forma mais comum dessa visão vê Jonas como o povo de Israel, Nínive é o mundo pagão a quem Israel tinha a tarefa de proclamar a mensagem de arrependimento. A infidelidade de Jonas é, portanto, a infidelidade de Israel para ser uma luz para os gentios. Jonas engolido pelo peixe é o cativo de Israel, Jonas lançado em terra é o retorno de Israel do cativeiro. O retorno de Israel deve tornar a verdade religiosa conhecida pelos pagãos e eles se tornarem recipientes da graça de Deus pela conversão. Israel será rejeitado por causa da insatisfação com a misericórdia do Senhor para com os gentios. Estas são as linhas gerais da visão alegórica.

A quarta categoria é a visão da parábola. Outros não dariam tanto destaque aos elementos alegóricos, mas sim veriam a história como uma parábola inventada para ensinar algumas lições. Tal visão não necessariamente negaria a inspiração divina da história, mas estaria disposta a negar sua historicidade. Agora, um exemplo disso é Leslie Allen no NICOT Commentary. Se você olhar em suas citações, página 41, parágrafo 2, há um parágrafo do comentário de Leslie Allen sobre os livros de Joel, Jonas e Micah, onde Allen diz: “Por muito tempo, o livro de Jonas foi interpretado de maneira fortemente histórica. . . No entanto, embora os Padres da Igreja, que em sua maioria usaram Jonas simbolicamente, admitissem sua historicidade, havia quem duvidasse, inclusive no século IV Gregório de Nazianzo... Lutero considerou a história não-histórica. Não tenho certeza de onde ele conseguiu isso, pois não há notas de rodapé. “Hoje existem círculos católicos romanos e protestantes que mantêm a historicidade do livro com um fervor que assume que sua inspiração e autoridade dependem dele: Se o livro de Jonas é história, é parte da evidência da verdade mais importante. imaginável, ou seja, que o Deus Todo-Poderoso busca levar os homens ao arrependimento e perdoará aqueles que se arrependerem verdadeiramente”. Há alguém que está pressionando essa visão. Aqui está o comentário de Allen: “Mas se o livro não é histórico, então é apenas a opinião de algum judeu de mente aberta que Deus deve perdoar até mesmo os gentios se eles realmente se arrependerem”. inspirado para ensinar esta lição tão necessária? Tal ponto de vista corre o risco de restringir o Espírito de Deus e menosprezar o valor da parábola como um meio bíblico genuíno. Para mim, ele realmente levanta a questão: isso é uma parábola? você conclui que isso é uma parábola? E o que isso significa? Certamente, Deus pode inspirar alguém a contar uma parábola. Mas isso é o que é?

Comentários sobre abordagens não-históricas Agora volte ao seu folheto de Jonas, quero fazer alguns comentários gerais sobre pontos de vista não-históricos primeiro. Mais tarde, na próxima página, farei alguns comentários mais específicos sobre pontos de vista não-históricos. Mas o primeiro são as questões gerais envolvidas. Parece-me que não há base suficiente para validação dessas visões não-históricas e algumas fortes razões

para rejeitá-las. Eu listei três razões aqui.

a. O próprio livro alega ser histórico

Primeiro, o próprio livro não dá nenhuma boa razão para tomá-lo como algo que não seja histórico, a menos que a presença do miraculoso seja considerada uma evidência contra isso. Certamente, há um forte elemento do milagroso. Se a possibilidade de milagres não fosse um problema, o próprio livro não daria nenhuma boa razão para ser considerado algo além de histórico. A referência à personalidade principal na narrativa em 2 Reis 14:25 fornece uma base sólida para a historicidade de um profeta chamado Jonas. Veja, é aí que 2 Reis 14:25 desempenha um papel bastante significativo. Se tivéssemos apenas o livro de Jonas, poderíamos nos perguntar se isso é uma parábola. Sabemos que Jonas foi um profeta que profetizou durante ou antes da época de Jeroboão II.

b. Jesus o entendeu como histórico – Mateus 12:38-41      Dois, as referências de Jesus aos incidentes no livro de Jonas em Mateus 12:38-41 são indicativos de que ele o entendeu como histórico. Vamos ver Mateus 12:38-41. “Então alguns dos fariseus e mestres da lei lhe disseram: 'Mestre, queremos ver um sinal miraculoso da tua parte.' Ele respondeu: 'Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso! Mas nada lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas. Pois, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra’”. ao livro de Jonas e discuta esta questão histórica, conecte-a com o versículo 40: “Como Jonas esteve três dias no ventre, assim estarei três dias no coração da terra’”. Não é aí que me parece que cai o argumento. É com os versículos 41 a 42, observe o que Jesus continua dizendo: “Os homens de Nínive se levantarão no julgamento com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas, e agora um maior do que Jonas está aqui. A Rainha do Sul se levantará no julgamento com esta geração e a condenará; pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e agora está aqui quem é maior do que Salomão.” Agora

observe o que Jesus faz lá com os versículos 41 e 42 . Rainha de Sabá . Ele coloca a resposta dos ninivitas no mesmo plano das pessoas de seu tempo. Em outras palavras, os ninivitas se arrependeram quando Jonas veio pregar para eles. Você não está se arrependendo e eu sou maior que Jonas. Há uma analogia histórica aí. Se o povo de Nínive não se arrependeu historicamente com a pregação de Jonas, a analogia cai por terra. Supõe-se que essas coisas aconteceram. Jesus está usando isso para condenar as pessoas de sua própria geração.

Agora veja o que Allen diz sobre isso, Allen diz: “ No entanto, a declaração de Jesus a respeito de Jonas em Mateus 12:39-41 não constitui um testemunho da historicidade de nosso livro? Von Orelli, que interpretou a história assim, admitiu: 'Não é de fato provado com necessidade conclusiva que, se a ressurreição de Jesus foi um fato físico, a morada de Jonas na barriga do peixe também deve ser igualmente histórica. ”Mas veja que esse não é realmente o cerne do argumento. “ A esse respeito, é importante notar uma característica que será mostrada na seção posterior sobre o sinal de Jonas, que não é uma exegese estrita que se reflete no uso que Jesus faz da narrativa de Jonas e o peixe, mas o popular entendimento judaico, que o Senhor assumiu e empregou como um veículo para a verdade a seu respeito. Se assim for, é bem possível sustentar que sua referência meramente reflete a visão contemporânea sem necessariamente endossá-la para o estudante do AT .” Em outras palavras, as pessoas acreditavam que Jonas era histórico e, portanto, Jesus fala nesses termos como se fosse, mas não era. “ Além disso, deve-se fazer uma concessão para um elemento figurativo no ensino de Jesus, um elemento que os literalistas ocidentais notoriamente encontraram dificuldade em compreender. Se um pregador moderno não seria culpado se desafiasse sua congregação com uma referência a Lady Macbeth ou Oliver Twist, Jesus não poderia ter aludido da mesma maneira a uma história bem conhecida para reforçar sua própria mensagem distinta? ”Agora eu acho que Allen realmente não entendeu o ponto. Não é tanto que Jesus diz que Jonas esteve três dias na barriga do peixe e foi engolido pelo peixe. Há também uma referência histórica ao arrependimento na pregação de Jonas pelos ninivitas e que é contrastada com a falta de arrependimento do povo de seu tempo

quando ouvem sua própria pregação.

Veja o livrinho de GC Aalder, *O Problema do Livro de Jonas*. Ele diz: “ Finalmente, e isso é muito mais importante, nosso próprio Senhor Jesus Cristo sem dúvida aceitou os eventos narrados no livro de Jonas como verdadeiramente históricos. Isso é manifesto não apenas pelo fato de que ele alude à estada de Jonas no ventre da baleia, mas também por sua referência ao arrependimento dos ninivitas: 'Os homens de Nínive se levantarão em julgamento com esta geração e condenarão isto: porque se arrependeram com a pregação de Jonas, e eis que está aqui quem é maior do que Jonas.' Nosso Senhor não poderia ter feito um pronunciamento tão sério, a menos que estivesse firmemente convencido de que os ninivitas realmente se arrependeram com a pregação de Jonas. Uma interpretação parabólica desse arrependimento é absolutamente impossível à luz dessa enfática advertência de Cristo”.

“Agora, isso pode não significar muito para muitos comentaristas, mas significa tudo para nós que cremos nele como nosso precioso Salvador, o Filho do Pai, sem defeito em sua humanidade. E talvez possa significar algo para aqueles que compartilham dessa crença, mas não concordam plena e inteiramente conosco em aceitar o Antigo Testamento como parte integrante da infalível e autorizada Palavra de Deus . Acho que a declaração de Aalder aumenta a resposta contra uma posição como a de Allen.

Você vê em seu esboço que Charles Harris diz: “ É verdade que um pregador pode citar ilustrações de personagens fictícios ou alegóricos, mas ele não deve citá-los como evidência analógica. Deixe-o tentar isso diante de uma audiência de incrédulos e ele os encontrará resmungando: 'Isso não prova nada, a coisa nunca aconteceu.' ” Veja, esse é o ponto crucial, parece-me. Jesus usa isso como uma analogia e a analogia falha se não houver uma realidade histórica de arrependimento. Dillard e Longman, em sua *Introdução ao Antigo Testamento* , páginas 392-393, comentam: “O argumento mais convincente a favor da leitura histórica é que a referência de Jesus a Jonas e Nínive indica que ele acreditava que o livro era histórico. O comentário é, no entanto, embora isso seja possível, não é certo.” Afinal, Jesus poderia se referir ao evento se estivesse pregando, mesmo que fosse uma parábola. De maneira semelhante, um pregador hoje exorta a

congregação a ser como o bom samaritano, embora poucos acreditem que o bom samaritano foi uma pessoa histórica. O bom samaritano não é nomeado, Jonas é nomeado. Em Reis sabemos que ele foi uma pessoa histórica que viveu durante ou antes da época de Jeroboão II. Mas não acho que a analogia sustente que isso possa ser uma parábola. Isso não me parece adequado às exigências da analogia histórica que Jesus estava fazendo em sua declaração. Este é um segundo comentário geral sobre as visões não-históricas.

### c. A Inclusão de Jonas no Cânon das Escrituras

Em terceiro lugar, a inclusão de Jonas no cânon das Escrituras e as referências mais antigas a ele nas literaturas judaicas sugerem que ele sempre foi entendido como histórico. Vá para suas citações, página 42 – tenho uma citação mais longa de HL Ellison, que diz: “ O que realmente importa é a historicidade do livro. É bastante claro que sua verdade literal nunca foi questionada na tradição judaica. De fato, Fílon de Alexandria, aquele grande mestre da alegoria, que sem dúvida teria se apegado avidamente a uma explicação simbólica ou alegórica se ela fosse do seu conhecimento, 'se esforçou muito para explicar a maravilha do peixe'.

“ Igualmente, a canonicidade do livro parece nunca ter sido questionada. Quer o estudioso moderno explique o livro como lenda profética, narrativa simbólica ou ficção didática, ele se depara com a impossibilidade de explicar como o povo judeu, e em particular nosso Senhor, passou a considerá-lo historicamente verdadeiro. A dificuldade é maior quando percebemos que nossa explicação espiritual dele como um relato historicamente verdadeiro será, em maior ou menor grau, significativamente diferente do que deveríamos dar, se o considerássemos como ficção. Somos solicitados a acreditar que os judeus não apenas esqueceram que era ficção, mas também esqueceram seu verdadeiro significado. Não é injusto lembrar também que os modernos estão singularmente em conflito quanto ao seu propósito e significado originais.

“ Aqueles que negam a verdade factual do livro devem arcar com o ônus de explicar como um livro tão diferente dos outros livros proféticos veio a ser incluído no cânone

profético, como foi esquecido que era uma ficção simbólica ou didática e, acima de tudo, tudo como nosso Senhor foi incapaz de perceber sua verdadeira natureza.

“Vamos enfrentar um fato simples. A partir de Eichhorn, a negação da historicidade do livro foi, em primeiro lugar, resultado da então dominante visão racionalista do mundo, na qual não havia espaço para milagres ou para a interferência divina nas coisas físicas.

“O conservador deve assumir parte da culpa, no entanto. Para ele, muitas vezes, a primeira metade do livro é tudo o que importa. Ele tende a ignorar que as relações milagrosas de Deus com Jonas foram apenas uma preparação para a revelação do caráter divino. Se quisermos que a verdade literal do livro seja levada a sério, devemos dar-lhe uma interpretação espiritual adequada e justificar o elemento miraculoso excepcional nele.” Em outras palavras, se você se concentrar apenas nos detalhes históricos, poderá perder o real significado do livro.

4. A Opinião do Judeu – Eles não consideraram isso uma parábola No topo da página 4 de seus folhetos há outra referência à sua citação na página 39 do comentário de Aalders sobre este último ponto, parágrafo 2 de Aalders quando ele está falando sobre a forma como o povo judeu entendeu o livro. Ele disse: “Essa também era a opinião dos judeus. Eles não consideravam o livro de Jonas uma parábola, mas presumiam que fosse um registro de eventos históricos reais. Isso é evidente no livro apócrifo de Tobit. Quando Tobit está morrendo, ele chama seu filho, Tobias, e ordena que ele vá para a Mídia, 'pois (diz ele) eu acredito na palavra de Deus sobre Nínive, que Naum falou, que todas essas coisas acontecerão e acontecerão na Assíria. e Nínive.' Este texto provavelmente está correto, mas a Septuaginta traz Jonas em vez de Naum. Esta pode ser uma emenda falsa, mas prova que os judeus certamente não consideravam o livro de Jonas uma parábola. No terceiro livro dos Macabeus, o sacerdote Eleazar, ao orar, refere-se à libertação de Jonas da seguinte maneira: 'E quando Jonas estava definhando sem piedade no ventre do monstro nascido no mar, tu o restauraste, ó Pai, ileso a todos os seus. doméstico.' Esta referência é precedida por lembranças semelhantes do Faraó que foi afogado junto com

seu orgulhoso exército, de Senaqueribe, que foi derrotado à vista da cidade santa, da libertação dos três amigos da fornalha ardente e de Daniel dos leões. ' den. Isso também é uma prova firme de que os judeus consideram o livro de Jonas como um registro de eventos históricos reais. E Josefo, que repetidamente enfatiza o caráter histórico de sua obra, inclui o conteúdo do livro em suas Antiquidades. Embora possamos ter boas razões para questionar o valor real de sua precisão histórica, não há dúvida de que ele expressa a opinião de seu povo ”, que Jonas era uma narrativa histórica. Portanto, esses são comentários gerais sobre visões não históricas. Acho que essas são três fortes razões para rejeitar a visão não-histórica.

Análise de Vannoy das Abordagens Não-Históricas Agora chegamos a comentários mais específicos. Primeiro, parece-me que aqueles que têm pontos de vista não-históricos geralmente o fazem por duas razões. A primeira, a., é que “os eventos descritos são vistos como improváveis ou impossíveis”. Em outras palavras, a historicidade do livro é negada com base nos elementos milagrosos que ele contém. Alguns são de opinião que milagres não acontecem, então relatos deles não podem ser históricos. Outros estão dispostos a aceitar o milagroso em geral, mas acham que a multiplicação do elemento milagroso em Jonas é tão grande que é melhor não considerá-lo histórico. Isso é basicamente o que Allen diz em seu comentário NICOT. Allen diz: “ Esse elemento surpresa é um fator chave ao longo do livro. A viagem de um profeta a Nínive para entregar sua mensagem é um fenômeno extraordinário. Oráculos proféticos contra as nações são comuns, mas normalmente eram falados no solo nativo do profeta para o benefício de seus compatriotas. A missão política de Elias e Eliseu em Damasco é o paralelo mais próximo, mas a jornada de Jonas é de natureza diferente. ” Portanto, é surpreendente que os profetas estejam indo para outra nação. “ Outra surpresa, chocante, é a recusa de Jonas em assumir seu fardo profético. Moisés, Elias e Jeremias realmente se esquivaram de suas atribuições, mas a recusa direta de Jonas vai muito além de sua hesitação. Na verdade, este livrinho é uma série de surpresas; está repleto de um acúmulo de fenômenos de arrepiar os cabelos e de arregalar os olhos, um após o outro. A violenta tempestade

marítima, o peixe submarino no qual Jonas sobrevive enquanto compõe uma canção, a conversão em massa de Nínive, a planta mágica - essas não são características comuns das narrativas proféticas do AT. Embora um ou dois eventos emocionantes não levem dúvidas, o bombardeio do leitor com surpresa após surpresa de maneira provocativa sugere que a intenção do autor é outra do que simplesmente descrever fatos históricos. ” Portanto, não é o milagroso em si, mas “é o acúmulo de fenômenos de arregalar os olhos” que faz você começar a se perguntar se isso realmente se destina a ser lido historicamente. “ Corajoso seria o homem que ousasse dizer que esta série de acontecimentos era impossível, pois quem pode limitar a onipotência de Deus e dizer categoricamente que algo não poderia acontecer? Não impossível, mas improvável é como eles atingem o leitor comum. E se o autor pretendesse prender nossa atenção e concentrá-la em sua mensagem por meio de uma série de improbabilidades? ” Então é assim que Allen aborda essa questão.

Abordagem de John Stek: Analogia da História Veja nas páginas 42 e 43 uma resposta a esse tipo de abordagem de Allen, esta declaração de um artigo de John Stek. Ele foi por muitos anos o professor de Antigo Testamento que agora está aposentado, mas escreveu um livro chamado *A Mensagem do Livro de Jonas* , que eu acho que é muito útil para esta questão da historicidade do livro, mas também da mensagem do livro de Jonas. Mas observe o que Stek diz, ele diz: “ O escritor assume a historicidade dos eventos narrados. Esta é uma suposição que a maioria dos leitores... está fortemente inclinada a rejeitar. Levantando esta narrativa de seu próprio contexto canônico e histórico único, e consciente ou inconscientemente lendo-a no contexto da história geral onde milagres como os aqui narrados não acontecem, exceto em mitos, lendas e contos de fadas, o leitor moderno e Os estudiosos se sentem compelidos pela analogia da história a encontrar alguma explicação para a narrativa além de que os eventos narrados realmente aconteceram . Veja que a referência à “analogia da história” é aquele princípio freqüentemente usado para propósitos históricos: Se você não consegue encontrar fenômenos análogos em sua própria experiência, então há um problema. O princípio do

que Stek está dizendo é que os leitores que fazem isso tendem a tirar isso de seu próprio contexto, no contexto da história redentora na qual Deus está trabalhando, e colocá-lo em outro contexto da história geral e então concluir que não aconteceu. Ele diz: “Empregando o princípio da analogia da história, recorre-se geralmente, como faz Eissfeldt, a “um motivo mitológico de conto de fadas que é encontrado em todo o mundo, ou seja, o motivo da deglutição e vômito de um homem por um grande peixe, conhecido, por exemplo, em uma forma da saga de Perseu .

“ O método aqui ilustrado é insidioso. Implica, se a consistência é uma virtude, que o mesmo deve ser feito com toda narrativa bíblica de um evento maravilhoso. O resultado fatal é que todas as maravilhas bíblicas são explicadas com base no princípio da analogia da história.

“O presente escritor reconhece a validade do princípio da analogia histórica, mas insiste que os únicos análogos históricos apropriados para os eventos maravilhosos registrados no livro de Jonas são os eventos igualmente maravilhosos pertencentes à história da salvação da qual os escritores bíblicos dão testemunho. , a saber, a história dos atos poderosos de Deus. Este é o único contexto adequado para a leitura do livro de Jonas. Nesse contexto, a narrativa histórica leva a historicidade a sério, mesmo ao narrar os acontecimentos mais inusitados – justamente porque há acontecimentos inusitados a serem narrados. E dentro da literatura bíblica, o Livro de Jonas encontra sua analogia mais próxima como literatura na narrativa histórica profética, como a maioria dos estudiosos admite. Em outras palavras, você encontra a analogia mais próxima na literatura histórica do Antigo Testamento, a história do Êxodo e as histórias do livro dos Reis.

O arrependimento de Nínive é questionado Então, o próximo parágrafo é uma nota de rodapé, 35, onde Stek diz: “ O relato de um arrependimento dos ninivitas tem sido freqüentemente usado como prova do caráter lendário deste livro profético. HH Rowley coloca isso sem rodeios: 'Que Nínive foi instantaneamente convertida é uma tese que não convencerá nenhum estudante de sua história, a menos que a conversão tenha sido tão

efêmera quanto rápida - caso em que foi sem valor e dificilmente enganaria Deus .' Se o presente escritor interpreta corretamente o propósito do livro de Jonas, um arrependimento 'efêmero' por parte dos ninivitas foi suficiente para o propósito de Deus. Pois mesmo tal arrependimento, que começou a se manifestar já quando a pregação de Jonas a Nínive mal havia começado - 'E Jonas começou a entrar na cidade a uma jornada de um dia' (3: 4) - está em nítido contraste com a insensível e milagrosa rejeição de Israel. ministérios cheios de Elias e Eliseu. Por sua resposta a uma advertência profética, por mais efêmera que tenha sido, os ninivitas envergonharam o coração duro de Israel ”, acho que é a mesma coisa que Jesus está dizendo. Os ninivitas se arrependeram, mas alguém maior do que Jonas está aqui e você não está se arrependendo.

Os israelitas não se arrependeram com o ministério de Elias e Eliseu e os ninivitas responderam com a resposta que Israel deveria ter. “ Além disso, que Deus responde graciosamente até mesmo a um arrependimento efêmero é evidenciado por ter poupado Acabe, que de forma semelhante manifestou o que só poderia ter sido um arrependimento efêmero em resposta à ameaça de julgamento iminente de Elias. ” Você se lembra de quando Acabe se arrependeu ou adiou o julgamento que viria sobre seu filho.

**Problema dos Milagres Múltiplos** Se você está indo na direção de Allen e outros, que dizem que é a multiplicação dos elementos milagrosos deste conto que o leva à conclusão de que o autor não pretende descrever a história, você tem que perceber essas coisas tendem a acontecer em outros lugares também. O que você faz então com 2 Reis capítulos 4-7? Em 2 Reis 4-7, você tem 4 capítulos. Em Jonas você tem 4 capítulos. Em 2 Reis 4-7, em 4:1-7, o óleo é multiplicado naquelas vasilhas da esposa de um membro da companhia dos profetas para pagar a dívida. Em 4:8-37, Eliseu promete à mulher sunamita um filho e depois o ressuscita dos mortos. Em 4:8-34 Eliseu purifica e multiplica o alimento para os filhos dos profetas. No capítulo 5, Eliseu cura Naamã. No capítulo 6, uma cabeça de machado é lançada. No capítulo 6:8, alguns de Israel foram atingidos pela cegueira. Em 6:24 a 7:20 ele profetizou sobre a libertação de Samaria durante um cerco. Então eu acho que o que você pode dizer é que quando você vai para

as narrativas de 2 Reis, você tem 4 capítulos que têm eventos milagrosos igualmente “arregalados”, se isso vai fazer você dizer: “o livro de Jonas não é histórico.” Parece-me que a consistência deve fazer com que você diga que 2 Reis 4-7 também é uma lenda profética. Depois de fazer isso, para onde você vai a partir daí? Porque me parece que o tipo de literatura que você encontra em Jonas é o mesmo tipo de literatura que você encontra em 2 Reis 4-7. Não vejo como você pode ter 2 Reis 4-7 como histórico, mas depois dizer, mas não posso aceitar Jonas, ou vice-versa. Assim, parece-me que a questão não é o que alguém pensa ser possível ou provável. Em vez disso, é se o escritor aqui pretende ou não descrever a realidade como ele a conhece. Qual é a intenção do escritor sobre se isso aconteceu ou não? A inclusão dos eventos milagrosos, mesmo que esses eventos sejam registrados em rápida sucessão, não é um critério válido contra sua historicidade.

Voltamos agora ao êxodo como CS Lewis diz: “Agora é claro que devemos Concordo com Hume que se há absolutamente "experiência uniforme" contra milagres, se em outras palavras eles nunca aconteceram, então nunca aconteceram. Infelizmente, sabemos que a experiência contra eles é uniforme apenas se soubermos que todos os relatórios sobre eles são falsos. E sabemos que todos os relatos são falsos apenas se já soubermos que milagres nunca ocorreram. Na verdade, estamos discutindo em círculo.” Acho que, no final das contas, voltamos a essa questão de visão de mundo e se você está ou não disposto a admitir a possibilidade de intervenção divina. Então, isso é um pouco mais detalhado.

### História dos peixes e monstros marinhos antigos

Eu disse que existem visões não-históricas geralmente por duas razões. Primeiro seria o milagroso. A segunda razão é que a história do peixe é vista como derivada de mitos e lendas de outros povos. Em seguida, quando você examinar as evidências de derivações, acho que descobrirá que não há muita correspondência entre a história de Jonas e as outras. A maioria dos paralelos é encontrada na ideia de alguém ser salvo da barriga do monstro marinho. Na literatura grega, Hesione, filha do rei troiano, foi dada a

um monstro marinho para apaziguar os deuses, mas foi salva por Hércules. Mas a recompensa não foi dada a Hércules. Também na literatura grega, Perseu resgatou uma donzela de um monstro marinho e se casou com ela. Heródoto conta sobre Arion, que foi empurrado para fora de um monstro marinho e salvo por um golfinho.

Vá para a página 41 para ver os comentários de Aalders na página 41. Ele diz: “ Um terceiro argumento que deve ser descartado é aquele baseado nos paralelos, especialmente na história do peixe. Muitos estudiosos têm se empenhado em coletar paralelos de fontes não bíblicas. Repetidas vezes foi afirmado que o autor utilizou mitos antigos e contos folclóricos para compor sua história. É, no entanto, impossível provar que ele estava familiarizado com tais histórias . Não há nenhuma razão para supor que o autor tenha emprestado de tais fontes. “ Os pontos de conformidade que podem ser mostrados são tão poucos e insignificantes, que é impossível provar a partir deles que o autor de Jonas usou ou mesmo conheceu as lendas pagãs. E se a familiaridade com tal material não pode ser claramente provada, como esses paralelos podem contribuir para a solução do problema se o autor pretendia dar um registro histórico ou compor uma ficção didática?”

Observe na parte inferior da página 5 do folheto, até mesmo Abraham Kuenen disse que a história do milagre do peixe está inteiramente de acordo com o ponto de vista religioso do autor e que, portanto, não temos o direito de atribuir alguma origem alienígena, particularmente derivação de mitos ou lendas nas quais apenas alguns pontos de acordo podem ser mostrados.

### Problemas com a abordagem alegórica

Agora alguns comentários mais específicos. Uma delas foi essa discussão das razões das visões não-históricas: o miraculoso. Dois, os comentários mais específicos sobre a abordagem alegórica. Acho que a dificuldade com a abordagem alegórica é que ela encontra dificuldade quando pressionada aos detalhes. Por exemplo, a própria insistência de Jonas para que a tripulação o lançasse ao mar dificilmente se aplica à de Israel indo para o cativo. Na história, o peixe é o meio divinamente ordenado de resgatar Jonas do

afofamento na morte, o que também dificilmente se aplica ao cativo. Isso não nega que, em certos aspectos, Jonas possa ser considerado típico ou representativo de Israel. Acho que isso é bem possível. Na verdade, acho que provavelmente é melhor entendê-lo dessa maneira. Mas isso é totalmente diferente de sustentar que a narrativa foi concebida como alegórica de Israel. Um significado representativo ou típico de Jonas assumiria certas analogias entre Jonas e Israel. Em uma interpretação alegórica, seria de esperar uma correspondência detalhada.

Isso fica mais claro quando comparamos o livro de Jonas com outros exemplos de alegorias do Antigo Testamento. Existem algumas alegorias no Antigo Testamento. Vou te dar dois deles. Em Ezequiel 17:2-10, Ezequiel diz: “Filho do homem, apresente uma alegoria e conte uma parábola à casa de Israel. Diga-lhes: 'Assim diz o Soberano Senhor: Uma grande águia com asas poderosas, longas penas e plumagem cheia de cores variadas veio ao Líbano. Segurando o topo de um cedro, ele quebrou seu rebento mais alto e o levou para uma terra de mercadores, onde o plantou em uma cidade de comerciantes. Ele pegou um pouco da semente da sua terra e colocou em solo fértil. Ele a plantou como um salgueiro junto a muita água, e ela brotou e se tornou uma videira baixa e extensa. Seus galhos se voltaram para ele, mas suas raízes permaneceram sob ele. Então ela se tornou uma videira e produziu ramos e brotou ramos frondosos. Mas havia outra grande águia com asas poderosas e plumagem completa. A videira agora lançou suas raízes para ele do terreno onde foi plantada e estendeu seus galhos para ele em busca de água. Tinha sido plantada em boa terra por água abundante para que produzisse ramos, desse frutos e se tornasse uma videira esplêndida'. Diga-lhes: 'Assim diz o Soberano Senhor: Será que vai prosperar? Não será arrancado pela raiz e despojado de seus frutos para que murche? Todo o seu novo crescimento murchará. Não será preciso um braço forte nem muita gente para arrancá-la pela raiz. Mesmo se for transplantado, vai prosperar? Não murchará completamente quando o vento leste a atingir - murchará no terreno onde cresceu?’”

Agora, a águia no versículo 3 com asas poderosas é Nabucodonosor, e ele veio do Líbano para o pequeno país de Judá. Segurando a ponta de um cedro, ele quebrou o rebento mais alto e o levou embora.” Esse é Joaquim, que foi levado “para uma terra de

mercadores, onde a plantou em uma cidade de comerciantes”, essa é a Babilônia. “Ele pegou um pouco da semente de sua terra e a colocou em solo fértil,” isso é Zedequias. “Ele a plantou como um salgueiro... e ela se tornou uma videira rasteira. Mas havia outra águia”, era o Faraó Hofra do Egito. Continuando, “ E você, filho do homem, não tenha medo deles ou de suas palavras. Não tenha medo, embora abrolhos e espinhos estejam ao seu redor e você viva entre escorpiões. Não tenham medo do que eles dizem nem fiquem apavorados com eles, ainda que sejam uma casa rebelde. Tens de lhes dizer as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes.”

Agora, isso se encaixa bem na história desta época, e quando você vai até o versículo 12, você obtém uma interpretação do próprio texto. Versículo 15: “Mas o rei se rebelou contra ele, enviando seus emissários ao Egito.” Então a interpretação está aí. É introduzido pela afirmação de que é uma parábola, conta-se, depois há uma interpretação.

Em Ezequiel 19 você tem outra alegoria. Ezequiel 19:1, “ Levanta um lamento sobre os príncipes de Israel e dize: 'Que leoa era a tua mãe entre os leões! Ela se deitou entre os leões novos e criou seus filhotes. Ela criou um de seus filhotes, e ele se tornou um leão forte. ”O leão parece ser Israel. Um de seus filhotes é Jeoacaz. “Ele se tornou um leão forte. Aprendeu a despedaçar a presa e devorou os homens. As nações ouviram falar dele, e ele foi preso em sua cova. Eles o levaram com ganchos para a terra do Egito. Ele foi tomado por uma oração. Quando ela viu sua esperança não realizada, sua expectativa perdida, ela pegou outro de seus filhotes e fez dele um leão forte. Ele rondava entre os leões.” Isso parece ser Joaquim. Assim, podemos traçar isso de volta ao livro de 2 Reis e, em seguida, ler uma descrição alegórica da história daquela época.

Se você comparar exemplos como este com o livro de Jonas, o que você encontra lá é muito mais curto. Eles têm uma indicação inequívoca de seu caráter alegórico. Você não vai ler Ezequiel 17:19 e concluir que isso é histórico no sentido das palavras do que foi dito sobre águias e cedros. Portanto, há indicação do caráter alegórico. Tais indicações não podem ser encontradas no livro de Jonas, e parece que estamos justificados em concluir que não deve ser entendido em um sentido alegórico.

## Problemas com a Abordagem da Parábola

Isso nos leva à “parábola”, e você pode comparar Jonas com exemplos de parábolas do Antigo Testamento. Acho que novamente você descobre que as parábolas são bem diferentes do que você tem em Jonas. Listei três que são parábolas. Você pode ler Juízes 9, a parábola de Natã em 2 Samuel 12:1-4, e a parábola da sábia de Tecoa em 2 Samuel 14:6-7. Se você olhar para eles, não vou perder tempo, mas quando você olha para eles e os lê, acho que duas coisas se destacam. a., eles são muito curtos, simples e pontiagudos. O significado é claro. Em cada caso, há um ponto básico sendo feito. Juízes 9 aponta para a tolice de fazer Abimeleque rei. 2 Samuel 12:1-4, que Davi é culpado com Bate-Seba. 2 Samuel 14:12-14, Davi deveria permitir que Absalão voltasse a Jerusalém. E b., há uma indicação direta ali no contexto deixando bem claro. David foi informado de que era uma história. Se você comparar isso com o livro de Jonas, o livro de Jonas não é caracterizado nem por fazer um ponto singular nem por qualquer indicação de aplicação . Além disso, não há explicação de por que uma pessoa real é a personalidade principal da história. Parece-me que essas coisas combinadas argumentam contra uma interpretação parabólica.

Veja a página 43 de suas citações onde DJ Wiseman deu uma declaração em um artigo que está no *Tyndale Bulletin* . Ele diz: “ Se esta é uma parábola, é única em sua extensão e falta de explicação em comparação com outras no Antigo Testamento e na inclusão de 'elementos milagrosos', ausentes de todos os outros paralelos do antigo Oriente Próximo. Isso é especialmente notável se "a força de convicção da parábola depende de sua verossimilhança ao retratar uma situação humana". ” Em outras palavras, você não esperaria encontrar elementos milagrosos em uma parábola. Isso não é característico do gênero parábola.

O parágrafo 3 dá a resposta de Allen. Ele diz: “ Certamente a história é apresentada em forma de narrativa, mas “todas as parábolas se assemelham a um registro de eventos históricos... eventos ”. Em outras palavras, as formas de parábola estão tão próximas da forma histórica que você realmente não consegue distinguir.

“ Outro fator a ser levado em consideração é a identificação obviamente pretendida

do herói ou anti-herói com o profeta de 2 Reis 14:25”, então ele aborda essa questão de Jonas mencionada fora do livro de Jonas também em 2 Reis . “Aqui está pelo menos uma base histórica, que sugere que os incidentes relatados em nosso livro são históricos.” E então ele diz: “ Pode muito bem haver um núcleo histórico por trás da história, mas isso não é relevante para sua compreensão em sua forma atual. Atrás da parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37) está 2 Crônicas 28:15... enviado a Sodoma para testar a hospitalidade de seus cidadãos. Mas ninguém deixaria de diferenciar essas parábolas de um simples relato de eventos. Em cada caso, um tema mais antigo foi usado como matéria-prima para a criação de algo novo e contemporâneo.” Agora ele faz várias associações que estão por trás de algumas das parábolas. Entre nisso e discuta-o e acho que você pode questionar algumas dessas associações, mas mesmo além disso, nenhum dos exemplos que ele dá trata de uma pessoa histórica conhecida pelo nome na parábola. O livro de Jonas tem, então me parece que a analogia ali, embora interessante, realmente não carrega o peso que ele está tentando fazer suportar.

Vejo que meu tempo acabou, não chegamos ao “conteúdo”. Então vamos parar neste ponto. Da próxima vez teremos que discutir um pouco sobre o conteúdo de Jonas e passar para Amós.

Rough e editado por Ted Hildebrandt  
Edição final por Katie Ells  
Re-narrado por Ted Hildebrandt